

Empresários sulistas apostam em Lula

Nem todo empresário brasileiro pensa como o presidente da FIESP, Mário Amato, que já chegou a prometer deixar o País no caso de o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, vencer as eleições. O seu concorrente, Celso Alcaraz Gomes, diretor da Arcon, indústria rival da Carrier, dirigida por Amato, acredita que se o candidato da Frente Brasil Popular chegar à Presidência, irá beneficiar a pequena e média empresa, "ao contrário do governo atual que só pensa nas múltis e nas miúdas".

Para Gomes, a Carrier não passa de uma representante do chamado **smart money** ou "dinheiro esperto". E recomenda: "Se o Amato quiser ir embora, que vá de uma vez. Empresas como a dele, que já saiu duas vezes do Brasil, só ficam em países onde podem sugar ao máximo".

Apesar das críticas, o empresário gaúcho descarta qualquer vingança em relação à posição de Amato. Mas lembra que a Arcon, localizada em Porto Alegre, já deteve 40% do mercado nacional, onde hoje sua presença se resume a 5% encurralada pelas transnacionais Hitachi, Coldex e Carrier. Gomes imagina que com Lula no poder, a competição com o capital estrangeiro ficará mais equilibrada. "Hoje as três empresas nacionais na área de ar-condicionado são barradas a peso de poderosas influências, até nas concorrências para repartições públicas", diz ele.

O empresário da Arcon é um dos poucos que tem uma opinião favorável ao candidato do PT no sul. Mas é apoiado nas suas posições pelo presidente do Clube de Diretores Lojistas de Porto Alegre, Alcino Ughini, um dos maiores atacadistas do Estado. Brizolista ferrenho, o empresário avisou, ainda quando torcia por Brizola, que caso seu candidato não fosse para o segundo turno votaria em Lula. "Collor representa o continuísmo e está ligado às piores figuras." Ughini aposta num bom relacionamento entre o capital e o trabalho. "Saberemos nos entender."

Comenta-se em Porto Alegre que em breve os dois empresários que apoiam Lula terão mais uma companhia. Trata-se do ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado, Luis Octávio Vieira, que já foi presidente do Banco Meridional, de onde foi desalojado depois de um conflito com o ex-ministro Paulo Brossard. Estimulados por essas adesões, pequenos e médios empresários gaúchos vão inaugurar um comitê pró-Lula no centro da Capital gaúcha.

Empresários esperam alianças

Por outro lado, os empresários da indústria estão desenvolvendo o máximo de esforço para evitar que Fernando Collor de Mello seja estigmatizado como um candidato dos empresários e da direita. Este trabalho foi percebido, ontem, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde a Confederação Nacional da Indústria (CNI) reuniu 24 presidentes de Federações para discutir assuntos políticos e econômicos. Ao final da reunião, todos saíram com um envelope da Fiesp contendo três documentos "confidenciais" preparados pela CNI. Todos dizem respeito ao PT, mas ninguém quis falar sobre o assunto. O presidente da Fiesp, Mário Amato, que presidiu a reunião da CNI, apenas sorriu para os jornalistas.

Ao contrário do que aconteceu no início da semana, quando os integrantes do Fórum Informal de Empresários abriram o voto em favor de Collor, ontem ninguém esboçou preferências. Depois de afirmar que "empresário não tem que apoiar ninguém", o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luís Carlos Mandelli disse que Collor não pode ser tachado de candidato da direita pelas alianças que está fazendo e nem pelo programa que apresentou. O empresário citou como exemplo a privatização, que não aparece no programa do PRN como medida ostensiva.

Já em Minas, é muito difícil saber para que lado ficará o empresariado, segundo José Alencar Gomes da Silva, presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais. Mas nem Lula nem Collor vencerá as eleições, segundo Alencar Gomes, se não fizer alianças amplas, inclusive com setores extrapartidos. Foi Alencar Gomes quem abriu o envelope da Fiesp para mostrar à imprensa o que havia dentro e ficou surpreso quando alguém deu o alerta: "É confidencial". Contudo, foi possível observar, pelos títulos, que os três documentos dizem respeito ao PT. Um deles faz considerações sobre as publicações do partido e outro trata do programa alternativo de governo elaborado pela assessoria econômica de Lula. O terceiro ficou no anonimato.

Para o presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, José Donato, o resultado das eleições dependerá das alianças com Brizola. "No caso específico do Rio, o PDT é tão forte que vale a pena pensar se é conveniente alguém contrariar a tendência do eleitorado." Se o PT se aproximar de Brizola e mudar seu programa, Donato disse que votará em Lula.